

14. Livres de tudo para abraçar o Pai

"Deixa-a; ela guardou este perfume para o dia da minha sepultura. Porque sempre tendes os pobres convosco, mas nem sempre me tendes a mim". (Jo 12,7-8)

Esta dádiva de Jesus até a morte na cruz e sepultura é um dom incalculável, porque é para todos, salva todos. E também os pobres, todos os pobres do mundo e da história, precisam mais desta dádiva do que de dinheiro. Claro, precisam de pão, roupa e, portanto, dinheiro para comprar. Mas Judas dá ao presente de 300 denários aos pobres o mesmo valor do próprio Cristo, e da salvação que Ele é para nós e para todos. Os pobres sempre existirão, mas também eles, como os ricos, como todos nós, precisarão sempre de salvação, precisarão de Cristo. E se Cristo não for acolhido no presente que Ele nos dá de Si mesmo na Paixão e Morte, não teremos Jesus para dar aos pobres juntamente com dinheiro, pão, roupa, etc. Ninguém se preocupa mais com os pobres do que aqueles que pedem Cristo e aceitam com amor o dom que Ele faz de Si mesmo, porque o Seu dom nunca é para poucos, só para Maria de Betânia, mas é sempre um dom para todos.

Esta é a única forma correta e fecunda de viver os votos e promessas da nossa vocação: que sejam cheios de pedido e acolhimento do dom pascal de Cristo, que salva toda a humanidade.

Se não fazemos profissão com esta atitude de humilde demanda de salvação universal, mendigando com amor pelo dom do Salvador a todos, nos reduzimos a Judas, que calcula o valor de Cristo apenas para si próprio, e se queremos Cristo só para nós, o reduzimos a um valor muito mesquinho: 30 moedas de prata! No tempo de Jesus, era o valor de um escravo.

Talvez seja neste sentido que precisamos compreender e viver o voto de pobreza, da pobreza que a Regra nos pede, até ao extremo de renunciarmos a dispor do nosso próprio corpo (RB 58,25).

É interessante notar que no Capítulo 58 da Regra, imediatamente após descrever a cerimónia da profissão monástica, S. Bento descreve o despojar-se dos próprios bens, como se fosse na pobreza que nos é dado viver verdadeiramente a nossa consagração e pertença a Deus e à Igreja, na nossa comunidade.

O recém professo acabou de cantar solenemente: "*Suscipe me, Domine, secundum eloquium tuum, et vivam; et ne confundas me ab expectatione mea* – Recebe-me, Senhor, segundo a Tua palavra e viverei; não me confundas na minha esperança" (RB 58,21; Sl 118,116).

Depois prostrou-se aos pés de cada membro da comunidade, para implorar a oração de cada um, e a partir daquele momento, acrescenta São Bento, "*in congregacione reputetur* – seja considerado membro da comunidade" (RB 58,23).

É neste ponto que a Regra fala da exigência de renunciar a todos os bens, todos as propriedades, a tudo o que se tem (58,24). Ainda no oratório o recém professo é despido e revestido: "Seja imediatamente despido, no oratório, das coisas que está vestido e vista as do mosteiro" (58,26).

Este conjunto de cerimônias que une a consagração a Deus, o pertencer a comunidade e o gesto de se despir e vestir, dá um significado muito especial à profissão monástica. É como se tudo o que resta para oferecer a Deus fosse a pessoa do irmão ou da irmã, a sua pessoa tal como ela é, sem o que tem. É como se para Deus e para a comunidade que acolhe o professo, só restasse o coração da pessoa. A Deus não consagramos o que temos, mas apenas nós mesmos. Ele nos toma. Quando cantamos o "*Suscipe-me!*", é o nosso coração, a nossa vida, é o que somos que pedimos ao Senhor que tome, e é isto que desejamos, a expectativa que temos e que pedimos a Deus que não desaponte. Não se faz profissão oferecendo ao Senhor as nossas riquezas, as nossas qualificações acadêmicas, nossos talentos, etc. Fazemos profissão oferecendo nós mesmos, em uma nudez que mais do que física, é do coração.

É evidente que todos levamos ao mosteiro também os talentos, experiências, uma formação, um trabalho, e até alguns bens materiais. Mas é do apego a estas coisas que São Bento pede um despojamento, simbólico, mas que deve nos interrogar sobre o que nos define aos nossos olhos. Nos definimos pelo que temos ou pelo que somos? Deus não está interessado no que temos: Ele já tem tudo e pode criar e multiplicar do nada, todas as coisas. Deus está interessado no nosso coração, um coração vazio e humilde, e que por isso é cheio de desejo de plenitude, da plenitude que só Deus pode dar: a relação com Ele.

Quando clamamos "*Suscipe-me, Domine!*", é como pedir um abraço, o abraço do Pai, aquele abraço que o pai da parábola dá ao filho pródigo que volta para casa (cf. Lc 15,20). O filho perdeu tudo o que tinha, tudo o que seu pai tinha dado como herança. Volta já espoliado de todos os seus bens. Mas ao pai isto não importa. Não o coloca para trabalhar para recuperar os bens perdidos. Ele se interessa com o filho, o filho como pessoa, como coração. Ao pai interessa a relação com o filho. Ao pai interessa o amor. Quanto mais a Deus!

Não devemos perder de vista que é a esta luz que São Bento nos pede para viver a pobreza, mesmo a material, que em outros capítulos, como por exemplo no capítulo 33, deseja que seja extrema. O que é importante para São Bento não é a pobreza em si, mas que nada se interponha no caminho do abraço de Deus com toda a nossa pessoa, o Pai bom e providente, que não deixa faltar nada aos seus filhos.